

Recuperação da economia à vista

Francisco J. F. Barbosa

Aeconomia brasileira de hoje é a resultante de nossas ações ao longo dos anos, principalmente dos últimos 30 ou 40. Entre as ações incluem-se as políticas econômicas adotadas. Mas decisões de empresas, de consumidores, de instituições financeiras, dos trabalhadores e de outros tiveram seu papel.

Muitos vinculam a situação atual da economia a origens mais remotas. Experiências bem-sucedidas de outros países, porém, demonstraram o quanto poderíamos ter feito nas últimas três ou quatro décadas.

Uma avaliação mais cuidadosa da evolução da economia brasileira nos últimos anos revelará, entre outros fatos, o quanto perdemos em crescimento devido às excessivas oscilações ou variações no nível das atividades do país.

Tivemos, para ficarmos nos anos 80, as seguintes taxas de crescimento global e industrial.

Ano	Global	Industrial
80	9,1%	9,2%
81	-3,3%	-9,6%
82	0,9%	0,3%
83	-2,5%	-5,7%
84	5,7%	6,7%
85	8,3%	8,5%
86	9%	10,9%
87	3,3%	0,9%

Realizamos, portanto, nos últimos 8 anos, crescimento acumulado global de 33,8% e industrial de 21%. Médias anuais de 3,7% e de 2,4%, em cada caso. Considerada a inviabilidade de crescimento superior a estas médias em 1988, teremos, em 9 anos (de 1980 a 1988), crescimentos médios ainda inferiores.

Se o país tivesse crescido a taxas relativamente estáveis ao redor de 6%, 7% ou 8% a.a., teríamos crescido, nos últimos 4 anos, 92%, 1 397% ou 2 072%.

Imagine então o leitor o quanto perdemos em crescimento apenas por termos deixado a economia oscilar demais nesse período. Como se vê, várias vezes a economia atual.

Experimentamos, em várias fases, taxas bastante elevadas de expansão, mesmo nos anos oitenta. O que ocorreu em 1985, por exemplo. Prova de que elevadas taxas sempre foram viáveis. As taxas médias foram medíocres devido às crises.

As causas atribuídas às crises fizeram época, justificaram políticas absurdas ou alimentaram assuntos para políticos: crise do petróleo, dívida externa, juros internacionais, crise mundial, poupança e investimentos insuficientes, receituário do FMI, arrocho salarial, controles excessivos etc. Mas fases de expansão conviveram com muitas delas — como a crise do petróleo, por exemplo (1976/79) — e recessões se implantaram apesar da ausência delas — como em 1987, em plena moratória. Na realidade, recessões ocorreram porque não as souberam evitar nem administrar.

Mais uma vez ficando nos anos oitenta, a prefiação do câmbio e da correção monetária em 1980 motivou a recessão iniciada no ano seguinte. Pôs-se em prática taxa de juros negativa, em plena economia acelerada. Estimulou-se a demanda especulativa geradora das costumeiras condições recessivas: estoques altos, juros altos, liquidez baixa, consumidores e empresas endividados etc.

A crise implantou-se sob severa política antiinflacionária e promotora de exportações pelo arrocho interno, com taxa de câmbio desfavorável e em plena crise mundial. Lembra-se o leitor do IOF a 6,9%? Das pressões para as empresas buscarem crédito lá fora? Das restrições ao crédito ao consumidor? Da limitação geral à expansão de crédito? Dos desconcertantes controles de preços? A economia desabou antes das exportações aumentarem.

Depois, não tivemos em 1982 e 1983 qualquer política expansionista. A recuperação veio em 1984, por força das próprias condições expansionistas criadas pela longa recessão: liquidez alta, juros baixos, estoques baixos demandando reposição, e outras. Ajudou-nos apenas a desregulamentação interna e o ajuste realista do câmbio em 1983, pelo que consta, receituário do próprio FMI. Tan-

to a expansão de 1984 andou por si que ninguém acreditou nela.

A recessão iniciada ao final de 1986 teve origem semelhante, motivada pelo plano cruzado, que também pôs em prática taxa de juros negativa em plena economia acelerada. Estabeleceram correção monetária zero — a inflação oficial — para inflação efetiva superior a 6% a.m., uma vez computados os ágios e demais macetes.

A recessão de 1987 implantou-se como quis, enquanto se proclamava “recessão jamais”. Declararam moratória, acreditando que a dívida lhe fosse a causa. Esperaram o resultado e ele veio: uma generalizada desativação.

Bresser assumiu assegurando dela não ver sinais, em plena quebra deira e generalizada insolvência, características de processo recessivo desencadeado. As exportações aumentaram, atenuando o quadro, promovidas pela própria crise, que contraiu o mercado interno, e por um câmbio melhor, ditado pelo desastre nas contas externas decorrente do cruzado. Depois, nada se fez para assegurar a demanda interna satisfatória visando a manter a bom nível os negócios e o emprego.

Iniciamos 1988 novamente com amplas condições favoráveis à recuperação: liquidez alta, juros baixos, estoques baixos — vejam-se os balanços das empresas abertas — consumidores não endividados — vejam-se as estatísticas do SPC — e com poupança aplicada, empresas líquidas, aplicando no mercado financeiro, sem gorduras nos custos e com margens restabelecidas pelo menos parcialmente. Condições também criadas pela própria crise de 87.

A EB está pronta para se recuperar. Ou está se recuperando. Se não fizerem nada contra, andará sozinha, pelas próprias forças que adquiriu. Vários setores observam a retomada dos negócios. Deve repetir 84/85: economia crescendo diante da descrença de todos e recebendo um plano de salvação em pleno estágio já acelerado.

Francisco J. F. Barbosa é economista e administrador de investimentos em São Paulo